

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CÁSSIA CARVALHO DA SILVA
DÉBORAH VIRGINIA DE LIMA MORAIS
LÁIZA VIRGINIA SANTOS DE OLIVEIRA

**A VIDA ADULTA NO ESPECTRO AUTISTA: OS
DESAFIOS NA BUSCA DA INDEPENDÊNCIA.**

RECIFE 2022

CÁSSIA CARVALHO DA SILVA
DÉBORAH VIRGINIA DE LIMA MORAIS
LÁIZA VIRGINIA SANTOS DE OLIVEIRA

A VIDA ADULTA NO ESPECTRO AUTISTA: OS DESAFIOS NA BUSCA DA INDEPENDÊNCIA.

O Trabalho de conclusão de curso apresentado Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Professora Orientadora: Carla Lopes.

RECIFE 2022

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

S586v Silva, Cássia Carvalho da
A vida adulta no espectro autista; os desafios na busca da
independência / Cássia Carvalho da Silva, Déborah Virgínia de Lima
Morais, Laiza Virginia Santos de Oliveira. - Recife: O Autor, 2022.
28 p.

Orientador(a): Esp. Carla Lopes De Albuquerque.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário
Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Psicologia, 2022.

Inclui Referências.

1. Aduldez. 2. Autismo. 3. Desafio. 4. Independência. 5. Transtorno.
I. Morais, Déborah Virgínia de Lima. II. Oliveira, Laiza Virginia Santos de.
III. Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA. IV. Título.

CDU: 159.9

Dedicamos esse trabalho a nossos pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que durante toda a nossa jornada se colocaram como incentivadores, motivando e semeando em nós a possibilidade de chegarmos a conquistas antes inimagináveis, afinal tudo tem um princípio, em especial aos nossos pais e família: Janete Virginia L. S. de oliveira, Luiz Henrique de Oliveira, Luiz Felipe Santos de Oliveira, Elisabete dos S. Feitosa, Laureci C. Martins, José Carlos da silva, Nadjane Figueiredo de Lima Moraes, Jarbas Moraes de Medeiros, Mariana de Lima Moraes, Wadams Reginaldo de Souza; que nutriram desde o início de nossas vidas, sonhos, possibilidades, oportunidades e amor. Aos amigos que nos rodearam de entusiasmo e ânimo para percorrer uma jornada longínqua de cinco anos, que hoje se finda com o consagrar de um majestoso sonho, está se encerra para que novas possibilidades, horizontes e jornadas se iniciem, com a certeza de uma saborosa estrada em nossos futuros.

Em especial aos que hoje não podem em vida desfrutar de nossa vitória: Luiz Henrique de Oliveira e Lucila Aparecida Rocha da Silva, nenhum passo de nossa trajetória seria dado sem que vocês estivessem aqui para nortear nossa história e jamais haverá caminhos onde seus ensinamentos e amor não nos rodeiem e acalentem, a Deus que é o princípio de tudo e a quem entregamos os louros de nossas vidas. Também à nossa orientadora Carla Lopes que prazer inestimável possuir sua ajuda, incentivo, orientação e afeto, nossa profunda gratidão e respeito pela profissional e ser humano que se demonstrou em todo o nosso processo. Aos mestres, colegas de turma, preceptores e a supervisão das professoras Sandra Aoun e Nivaneide Ferreira, com quem dividimos experiências e conhecimento no processo de estágio, tal como aos nossos pacientes/clientes ao qual devemos um grande passo de conhecimento e vivência.

“Tudo é loucura ou sonho no começo. Nada do que o homem fez no mundo teve início de outra maneira, mas tantos sonhos se realizaram que não temos o direito de duvidar de nenhum.”

(Monteiro Lobato)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 REFERENCIALTEÓRICO.....	10
2.1 Autismo.....	10
2.2 Aduldez.....	12
2.2.2 Autismo na vida adulta.....	15
3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....	16
4 RESULTADOS	18
5 DISCUSSÃO	19
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
7 REFERÊNCIAS	27

A VIDA ADULTA NO ESPECTRO AUTISTA: OS DESAFIOS NA BUSCA DA INDEPENDÊNCIA.

Cássia Carvalho da Silva
Déborah Virgínia de Lima Moraes
Láiza Virginia Santos de Oliveira
Prof.^a Carla
Lopes.

RESUMO:

O presente trabalho teve como tema A vida adulta dentro do espectro autista: os desafios na busca da independência. Que teve como objetivo identificar as dinâmicas do cotidiano de adultos com autismo em busca da independência, os desafios vivenciados nessa fase da vida frente ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) a qual observou as mudanças no cenário discutido e o que a inserção no processo de adultez provoca, com isso demonstrou os reflexos de estímulos propostos após o diagnóstico (tratamentos multidisciplinares) nos indivíduos em questão; apresentando sua relevância social na busca de desmistificar as barreiras e crenças a respeito de indivíduos com autismo, gerados pelo TEA desencadear uma condição de anormalidades neurológicas, comportamentais e sociais, presentes durante toda a vida do indivíduo, este projeto foi desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica nas seguintes bases de dados, Scielo, Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, Revista Multidisciplinar de Psicologia e Google Acadêmico. O autismo se configura por um comportamento desajustado, voltado para si, comprometendo a sociabilidade do indivíduo, possui níveis diferentes, que se estabelecem pelo grau de prejuízos atribuídos, comumente afeta diretamente a verbalização, interesse pelo outro, paladar, sociabilidade, também é habitualmente apresentado estereotípias (comportamentos repetitivos sem funcionalidade) estes traços variam e podem estar associados a comorbidades debilitantes, tem uma prevalência importante no sexo masculino, e perduram por toda a vida, a importância de um diagnóstico precoce, está ligada a estimulação ainda na infância, buscando promover o melhor desenvolvimento do sujeito, os desafios propostos pela transição para a vida adulta estão diretamente ligados a vivência da responsabilidade e independência física, social e financeira, além de novas vivências como os relacionamentos românticos e a prática da sexualidade, para todos este é

um período de transformações e quando voltamos os holofotes para atrelar esta ao autismo conseguimos encontrar questões acentuadas.

Palavras-chave: adultez; autismo; desafio; independência; transtorno.

ABSTRACT:

The present work had as its theme Adult life within the autistic spectrum: the challenges in the search for independence. That aimed to identify the dynamics of the daily life of adults with autism in search of independence, the challenges experienced at this stage of life in the face of Autism Spectrum Disorder (ASD), which observed the changes in the discussed scenario and what the insertion in the process of adulthood causes, with this, it will demonstrate the reflexes of stimulus proposed after the diagnosis (multidisciplinary treatments) in the individuals in question; presenting its social relevance in the quest to demystify the barriers and beliefs about individuals with autism, generated by ASD triggering a condition of neurological, behavioral and social abnormalities, present throughout the individual's life, this project will be developed through a bibliographic research in the following databases, Scielo, Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital, Prof. Dr Fernando Fonseca, Revista Multidisciplinar de Psicologia and Google Scholar. Autism is configured by a maladjusted behavior, turned towards itself, compromising the individual's sociability, it has different levels, which are established by the degree of damage attributed, commonly affects directly the verbalization, interest in the other, taste, sociability, it is also habitually presenting stereotypes (repetitive behaviors without functionality), these traits vary and may be associated with debilitating comorbidities, have an important prevalence in males, and last for life, the importance of an early diagnosis, is linked to stimulation still in childhood, seeking to promote the best development of the subject, the challenges posed by the transition to adulthood are directly linked to the experience of responsibility and physical, social and financial independence, in addition to new experiences such as romantic relationships and the practice of sexuality, for everyone this is a period of transformations and when we return the spotlight to link this to autism we were able to find accentuated issues.

Keywords: adulthood; autism; challenge; independence; disorder.

1 INTRODUÇÃO

A seguinte pesquisa apresentará, como é ser um adulto com Transtorno do Espectro Autista (TEA), suas vivências e enfrentamentos diante do espectro, na busca pela independência, os direitos deste enquanto sujeito, quais as dinâmicas experienciadas diante a sociedade e ambiente familiar; ressalta-se também nesta pesquisa o funcionamento destes familiares, e a forma de lidar com este adulto autista, os manejos e cuidados existentes neste contato. As outras fases do desenvolvimento

humano, podem ser vistas na pesquisa em questão, de forma a não se estender muito na infância, onde as alterações comportamentais do autismo na criança, podem ser observadas e analisadas, levando ao diagnóstico precoce; a fase adulta e suas modificações ao longo dos processos existentes, sendo elas típicas dos ciclos, provenientes da fase e que por sua vez também estará sendo percorrida ao longo da apresentação, tendo então o TEA na vida adulta e a busca por sua independência o principal foco da seguinte pesquisa.

O Autismo é um transtorno neurológico que traz prejuízos no desenvolvimento do indivíduo em todas as etapas de sua vida, visto que compromete principalmente a socialização e este é um ponto primordial no desenvolvimento humano. Existem vários níveis de gravidade e sintomas e por isso o autismo está dentro de um espectro, o TEA . De acordo com Rotta, Bridi Filho e Bridi, (2016), sinais de alerta aos pais costumam surgir quando a criança não desenvolve sua comunicação de maneira comum, e quando comportamentos estranhos começam se apresentar, quanto mais cedo o diagnóstico é realizado melhores são as chances de adaptações, o tratamento é multiprofissional, ou seja, vários profissionais de áreas diferentes trabalham em conjunto buscando a melhor alternativa para o desenvolvimento do indivíduo, focando em suas necessidades específicas para obter o melhor resultado possível.

Este tema está relacionado ao autismo na vida adulta, onde de acordo com Pereira; Nunes; Koller, (2018), a maioria, é composta por fases naturalmente existentes e suas modificações ao longo do desenvolvimento humano, desde a entrada em uma nova configuração no processo do desenvolvimento classificada como adultez e a saída da adolescência, e com isto tendo em vista as suas configurações existentes nesse processo sendo inserido naturalmente em uma nova fase, existindo algumas modificações nesta transição que diferem da anterior, a adolescência. Porém sendo ainda trazidos alguns aspectos de comportamentos da adolescência na fase inicial do processo adulto, dentre as etapas posteriores do desenvolvimento humano classificam-se então novas configurações, consequentemente existentes na vida adulta, as quais serão apresentadas na

respectiva pesquisa, como a adulez emergente, adulto jovem, adulto intermediário, adulez tardia.

Essa pesquisa descreverá as vivências e alterações experienciadas em cada estágio da adulez, entre pontos importantes na contextualização histórica na vida adulta. O processo de adulez em diferentes épocas, entre o que é experienciado na atualidade, e o vivenciado anteriormente; no passado, historicamente, quais os comportamentos existentes entre uma época e outra e suas modificações, quais as influências sofridas, que repercutiram ou repercutem nos processos vividos na vida adulta em diferentes épocas as quais serão citadas no seguinte projeto, dentre os ciclos existentes na vida adulta. Além de modificações comportamentais ao longo das vivências existentes em cada etapa da vida adulta, se pode então observar também algumas alterações biológicas ao longo dos ciclos, sendo apresentados em uma maior proporção na fase adulta tardia junto ao envelhecimento (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Observando que a maioria das pesquisas voltadas para o autismo fazem relação com a infância, neste projeto iremos explanar outra face do espectro, de forma que a vida adulta entra em foco, apresentando aspectos e desafios durante essa difícil jornada. Segundo Morins; Ramos; Xavier, (2012), é comum dificuldades de diagnóstico nesta etapa da vida, muitas vezes o autismo fica intrínseco em outro transtorno, chegar no diagnóstico correto é de extrema importância para o indivíduo, principalmente porque muitos acontecimentos de sua trajetória pessoal e profissional começam a fazer sentido. São muitas as lacunas assistenciais em relação a independência da pessoa adulta com autismo, a escolarização que é primordial para este núcleo da vida é bastante prejudicada por inúmeros fatores, um deles é a falta de preparo dos professores e das escolas para o atendimento desse público e isso gera uma grande baixa na qualidade do serviço prestado e conseqüentemente o não desenvolvimento correto do indivíduo.

O tema em questão despertou o interesse por sua relevância social, TEA se desenvolve com anormalidades neurológicas e comportamentais, que compromete a sociabilidade do indivíduo, trazendo para o leitor como é ser um adulto vivendo no espectro, seus desafios e evoluções em busca da independência. Frente a isto o

nosso foco hoje para a pesquisa da fase adulta do desenvolvimento junto ao autismo, como a patologia pode influenciar no seu desenvolvimento, nas interações sociais, seus aspectos psicossociais, e quais as perspectivas e desafios da família, a vivência de sua sexualidade, socialização e os processos de independência que se iniciam frente ao indivíduo com TEA. Sendo assim, esta pesquisa relevante a título de apresentar ao leitor o espectro autista na vida adulta, e teve como pergunta problema; quais os desafios do adulto com autismo no processo de independência? como objetivo geral identificar os desafios no cotidiano de adultos com autismo, em busca da independência; e os objetivos específicos verificar o transtorno do espectro autista (TEA); compreender a adultez; elucidar os desafios do adulto com autismo na busca pela independência.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Autismo

O transtorno do espectro autista (TEA) se caracteriza por um comprometimento neurológico que repercute através de alterações na comunicação e sociabilidade do indivíduo, além de apresentação de comportamentos fixos e estereotipados, o que caracteriza um comportamento voltado para si, o espectro do autismo envolve uma gama de diferentes características e níveis que variam de alterações básicas a limitantes, podendo haver deficiência intelectual e algumas outras comorbidades, é um transtorno do desenvolvimento global e tem uma prevalência quatro vezes maior no sexo masculino. O autismo pode apresentar uma peculiaridade característica no fechamento do diagnóstico, isso acontece em crianças que passam por uma regressão em alguma etapa de seu desenvolvimento, quando a criança perde certos comportamentos ou aprendizados que antes foram adquiridos, a pessoa com TEA deve ser acompanhada de uma equipe multidisciplinar, aliando a família com caráter individualizado para as especificidades do caso (PASSAMAI, 2021).

Historicamente falando Leo Kanner iniciou os estudos a respeito do autismo, ele realizou uma publicação após o estudo de caso Donald Triplett, um garoto de desenvolvimento típico que apresentou regressões na sociabilidade, comunicação, resistência a mudanças de rotina e verbalização após os dois anos de idade. No momento histórico crianças com doenças mentais eram comumente abandonadas, separadas do seu lar, pois representavam uma vergonha para a família, o psiquiatra tinha como estratégia para elaborar diagnósticos a anamnese, com isso realizava uma investigação bem detalhada de toda a vida do paciente e de sua família, foram realizados diversos testes com a criança e ainda assim Kanner não conseguiu encaixar ele em um diagnóstico preexistente, sentiu a necessidade de investigar esse quadro analisando outras crianças com quadros parecidos, após isso nomeou o quadro como 'Distúrbio Autista de Cunho Afetivo'. O termo autismos foi inicialmente utilizado por Bleuler para nomear critérios da esquizofrenia, e se relaciona com ações voltadas para si mesmo (EVÊNCIO; FERNANDER, 2019).

Em um espaço de tempo próximo, Hans Asperger escreve a respeito de crianças com aspectos parecidos as anteriormente citadas por Kanner, porém essas não obtinham prejuízos na verbalização ou inteligência, seu comportamento se apresentava com interesses específicos, socialização comprometida e por algumas vezes inteligência acima da média, sua pesquisa permaneceu restrita a comunidade germânica até sua tradução de alemão para inglês, quando Wing defende que a síndrome de Asperger, é na verdade uma variação do autismo, não um quadro isolado, atualmente há a compreensão que se trata de um distúrbio complexo do desenvolvimento, por sua variabilidade em apresentação dos quadros o termo Transtorno do Espectro Autista (TEA) é o mais correto a ser usado, podendo ainda ser nomeado como Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID) ou Transtorno Global do Desenvolvimento. Atualmente há um registro muito mais prevalente de indivíduos dentro do espectro, colocando este em terceiro lugar nos distúrbios do desenvolvimento, este cenário reflete a abrangência que configura o diagnóstico e as suas variações conceituais (ROTTA; BRIDI FILHO; BRIDI, 2016).

Seus sinais iniciais são geralmente observados pelos pais, já que esse é o primeiro contato social e demonstra comportamentos, vivências e desenvolvimento diferenciados, registra-se desde o primeiro ano de vida apresentação de sintomas com sua intensificação apresentada até os três anos de vida, quando pode haver a perda de habilidades já aprendidas, é também quando o atraso na fala se torna mais latente, em geral a preocupação demonstrada pelos pais pode ser deixada de lado por afirmações como a de que cada criança se desenvolve em seu tempo, porém se trata de uma desorganização no desenvolvimento importante de atrasos/regressões significativas, e o diagnóstico prévio é de grande importância, em geral as crianças com autismo se diferem das neurotípicas, por uma série de peculiaridades, como a ausência de prazer ao contato físico, diminuição de trocas comunicativas não verbais, como olhar no olhos; pode haver um paladar restrito, apresentação de estereotípias (movimentos corporais sem finalidade), as mais aparentes são os déficits sociais e de comunicação, além do interesse restrito e focalizado (ROTTA; BRIDI FILHO; BRIDI, 2016).

Se acredita que o TEA tem origem neural, duração vitalícia e que o seu diagnóstico prévio leva a um tratamento com resultados mais abrangentes e significativos quanto ao desenvolvimento e aptidões, registra-se que intervenções realizadas antes dos 4 anos promovem repercussões mais aparentes do que as realizadas após os 5 anos, porém este não só depende de seu reconhecimento e tratamento, mas do seu grau e comorbidades atreladas, pois as especificidades de cada diagnóstico e indivíduo refletem nos avanços e limitações, por este motivo se faz fundamental a presença de uma equipe multidisciplinar, é indispensável a aprendizagem de modo construtivo e específico do que neurotipicamente se aprenderia naturalmente, intervenções precoces buscam a familiarização da criança com o reconhecimento e consciência de si, sua existência e seu corpo, antes que se possibilite o contato com o externo, diferentes áreas e métodos buscam inicialmente o desenvolvimento dos mesmos pontos, comunicação verbal ou não verbal, sociabilidade e cognição (ROTTA; BRIDI FILHO; BRIDI, 2016).

2.2 Adultez

A transição da adolescência para a fase adulta, vem se modificando ao longo da história, nos anos 70 o homem jovem com pouco mais de 22 anos, configurava sua entrada na vida adulta, com a realização do casamento, filhos, e estabilidade financeira. No pós-guerra, a juventude vivenciava as ideologias culturais da época onde a colocação social, a etnia possuía grande influência sobre o destino do jovem em seu processo de transição, já existia uma pré definição por influência econômica e social. Na atualidade, com as modificações na forma de entender o que é o sucesso, o jovem contemporâneo se configura em uma nova perspectiva busca ressignificar seus conceitos na transição da adolescência para o início da fase adulta, voltam-se para a busca de novas possibilidades, trazendo ainda, alguns conceitos e comportamentos da adolescência, como não assumindo as responsabilidades dessa nova etapa do desenvolvimento, como a vivência com os pais e a dependência financeira, sendo caracterizada como aduldez emergente, dentro do contexto histórico da atualidade (BRANDÃO; SARAIVA; MATOS, 2012).

A aduldez emergente, caracteriza-se por uma fase na qual se tem liberdade para ressignificar o que foi desenvolvido durante a adolescência, passando a ter autonomia e liberdade sobre suas escolhas sem a interferência direta dos pais. Tendo como uma das características que por sua vez é típico da adolescência, não assumir responsabilidades e compromissos típicos da aduldez, nesta fase passam a experimentar possibilidades diversas, onde o apoio financeiro dos pais ainda é existente, sendo esta mais uma característica trazida da adolescência, em que a instabilidade também passa a ser algo existente nesta fase, quanto a compromissos, a troca constante de emprego, a não durabilidade nos relacionamentos amorosos o abandono da extensão dos estudos, preferindo se inserir no mercado de trabalho, e posteriormente ingressar em uma faculdade ou não. Por sua vez, passam a idealizar um futuro no qual possa oferecer recursos para uma vida com estabilidade financeira e emocional, buscando se estruturar dentro da sociedade (CARNEIRO; SAMPAIO, 2015).

Observa-se ciclos e mudanças existentes na fase inicial da adultez, com a saída da adolescência migrando para fase adulta, onde por volta dos 20 anos o adulto emergente passa a vivenciar novas experiências, como o contato íntimo com seu par amoroso, sendo inserido em uma nova configuração grupal, entre seus amigos já existentes e colegas de seus parceiros, vivenciando e experienciando uma troca constante entre seu meio e o do outro. Com a chegada dos 30 anos, passa a existir uma nova configuração no processo adulto, havendo mudanças na forma de conduzir a vida, passando a buscar, crescimento profissional e pessoal, a autossuficiência, além da busca pela produtividade. Com isso, surge mais uma modificação em seu meio grupal, onde a família passa a ser mais representativa tornando-se parte do seu grupo, incluindo também novos amigos, conhecido em seu ambiente de trabalho e assim vivenciando entre os ciclos a busca pela autorrealização, o cuidado e a constante interação com o meio, se atualizando e modificando-se (THOMÉ; PEREIRA; RODRIGUES; KOLLER, 2018).

As dinâmicas vivenciadas pelo adulto jovem nesse novo processo do desenvolvimento, para alguns o estresse passa a ser algo corriqueiro, tornando-se cada vez mais existente, por muitas vezes, intensifica-se a procura por recursos externos como: álcool, drogas lícitas e ilícitas, na busca de aliviar as tensões causadas pelas demandas externas do social, trazendo prejuízos físicos para seu corpo, e conseqüentemente para saúde. Por outro lado, existe o adulto jovem que busca dar sentido as demandas externas enfrentando os desafios impostos ao longo da existência. Os Adultos entre 20 e 30 anos, tendem a não ter uma boa qualidade de sono, nessa fase existem muitas dinâmicas, pois neste período muitos vivenciam a universidade, junto as dinâmicas social e familiar, em uma quantidade maior de estresse, sofrendo prejuízo na qualidade de vida. As condições de vida do adulto jovem influenciam diretamente nas fases futuras do desenvolvimento humano (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

O adulto intermediário tem de 40 a 65 anos, nesta fase passam a ser mais centrados, voltados para responsabilidades construídas ao longo do processo de vida, o cuidado com a família, filhos, netos, e muitos também cuidam dos seus pais já idosos, alguns por sua vez ocupam grandes cargos em empresas. Nesta fase, passam a apresentar alguns declínios como a perda na qualidade da visão, e da velocidade motora, as mulheres por sua vez vivem os sintomas da menopausa, e o homem a perda de ereção, entre outras características típicas da fase citada. Com a chegada da adultez tardia, também são vivenciadas as alterações nos fatores biológicos típicos da fase como cabelos brancos e finos, rugas, textura da pele mais fina... diante do envelhecer existe o envelhecimento primário: evento natural do processo do envelhecimento, e o secundário: advindos de estilos de vida que prejudicam a saúde, e as doenças existentes. O Adulto tardio, passa a experienciar a aposentadoria, momento de voltar-se para si, não havendo mais o trabalho externo remunerado dando significado ou não ao novo (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

2.2.2 Autismo na vida adulta

O autismo é um transtorno bastante estudado, são várias as pesquisas sobre o tema e a grande maioria delas são voltadas para a infância, tem-se o conhecimento de que a criança que possui autismo segue com essa condição por toda a vida e mudanças sintomáticas são comuns com o avanço do desenvolvimento. A realização do diagnóstico em adultos é mais complexo visto que alguns sintomas clássicos podem ser atenuados com a idade, da possível falta de familiares para relatar situações da infância, além de comorbidades associadas que tiram a visibilidade do transtorno, com isso uma forma recorrente de diagnóstico em adultos ocorre concomitante a descoberta do espectro no próprio filho, visto que a genética é um dos fatores relacionados à causa do transtorno, é realizada uma anamnese detalhada com atenção especial para a história do desenvolvimento psicomotor e exame de estado mental (MORINS; RAMOS; XAVIER, 2012).

Relata-se a "epidemia do autismo" devido um grande aumento no número de casos diagnosticados principalmente em crianças, indo por outra via Brugha e colaboradores decidiram realizar um estudo para verificar se esse aumento também é aplicável em adultos, o estudo foi realizado na Inglaterra com um vasto número de pessoas acima dos 16 anos, com esse estudo foi constatado que os resultados são semelhantes ao aumento de casos entre crianças, o diagnóstico na fase adulta traz um misto de sensações, em sua face positiva o indivíduo pode se sentir pertencente a um grupo o qual explica seus desconfortos, pensamentos e comportamentos, o encaixe na normalidade diante essa condição se faz presente e certo alívio pode acontecer com o entendimento de seus problemas referentes a pontos essenciais para o desenvolvimento humano como interação social, comunicação, por outro lado pode haver certa ansiedade. O tratamento é realizado por meio de psicoterapia e utilização de fármacos (MORINS; RAMOS; XAVIER, 2012 e MENEZES, 2020).

A escolarização de pessoas acometidas por TEA é um fator complexo em todas as fases, pelas particularidades do transtorno, falta de qualificação dos profissionais, falta de estrutura da escola e até por políticas públicas ineficientes. Foi verificado um aumento no número de matrículas escolares de autistas, através de campanha de políticas públicas para atrair o público para a rede regular de ensino, porém a grande falha na estruturação do projeto gerou a evasão escolar. Referente a ensino superior, é uma realidade da minoria com maior facilidade para famílias estruturadas financeiramente, sobre o ingresso foi verificado que a maioria (71,79%) estudou exclusivamente em escolas especiais, 25,62% em escolas especiais e regulares e apenas 2,56% de escolas regulares. Uma pesquisa realizada com o familiar cuidador mais próximo do adulto com autismo, levantou pontos de melhorias nas escolas para melhor atendê-los, um fator bastante citado foi focar no "desenvolvimento das potencialidades de acordo com a sua capacidade" envolvendo aspectos sócio pedagógico-terapêutico (MATSUKUTA; ROSA; SQUASSONI, 2019).

Segregação é um termo que pode ser utilizado quando nos referimos a autismo e mercado de trabalho, visto que grande maioria dos adultos com TEA dependem de instituições, do governo ou da família, a independência financeira através do trabalho

traz a inserção completa desse indivíduo na sociedade, visto que essa vivência é de grande evolução em aspectos cognitivos e relacionais. Problemas na socialização demonstrada pela dificuldade em manter uma conversa, compreender expressões faciais e emoções, são características que suprimem a contratação, as particularidades positivas para as empresas se tornam invisíveis, a grande facilidade em obedecer a regras, maior atenção a detalhes, conhecimento aprofundado em áreas de interesse. Uma forma de diminuir a exclusão desse público vem a partir de políticas públicas bem elaboradas, trazendo a equidade, como garantir a profissionalização deste público oferecendo orientação vocacional individual, acompanhamento psicológico durante todo processo, incentivo financeiro para contratação em organizações públicas e privadas, realização de pesquisas visando elaborar um censo de acompanhamento do grupo (LEOPOLDINO, 2015).

3 DELINEAMENTO METOLÓGICO

A presente pesquisa foi uma revisão bibliográfica, um método que busca selecionar e realizar o fichamento dos documentos que tenham relação com a temática que se pretende estudar (FLICK, 2009). Realizou-se um levantamento da produção científica do tópico em particular, envolvendo análise, avaliação e integração da literatura publicada. Foi realizada uma análise qualitativa, esse recurso traz à tona as reflexões dos pesquisadores acerca de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento, bem como a análise de diferentes perspectivas e abordagens (FLICK, 2009).

A pesquisa foi realizada através das bases de dados Scielo, Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, Revista Multidisciplinar de Psicologia e Google acadêmico. Foram utilizados artigos e livros que estejam relacionados com o tema, através dos descritores: Autismo, adulez, autismo na vida adulta. O fichamento decorreu a partir do tema e resumo do material e se deu-se preferência as publicações datadas de 2012 até 2021.

Critérios de inclusão: Materiais que abordem o histórico do autismo; a evolução dos conhecimentos sobre autismo; trabalhos a respeito do desenvolvimento humano, na fase da adultez; trabalhos que englobam a vivência do autismo na vida adulta e as consequências desta vivência, produções com idioma português do Brasil.

Critérios de exclusão: Materiais que não tenham ligação com o tema e materiais que não tenham embasamento aos autores citados.

4 RESULTADOS

Nas pesquisas realizadas para a construção do presente material foram encontrados 42 trabalhos entre livros, monografias e artigos. E buscando atingir o objetivo central, de discutir sobre as implicações do tema escolhido, foram selecionados para serem utilizados na discussão 10 trabalhos, na tabela apresentamos uma breve descrição, do material que foi usado para a nossa discussão:

Autor/ano	Titulo	Objetivos	Resultados
Carneiro V. Sampaio S. 2017	Adultez emergente: um fenômeno normativo.	Expor os desafios da inserção na vida adulta.	Estruturar a construção do que é a vida adulta
Evêncio K. Fernandes G. 2019	História do autismo compressões iniciais	Contextualização histórica do autismo	Apresentação da descoberta e classificação do autismo.
FERREIRA, D; MAIA, A; MEDEIROS, I, 2018	Sexualidade: Uma nova área de conhecimento.	Apresentar conceitos da sexualidade, assim como suas modificações.	Explicar a importância da sexualidade para o ser humano enquanto suas alterações.
Leopoldino C.2015	Inclusão de autistas no mercado de trabalho: uma nova questão de pesquisa	Pesquisar a respeito da inserção de pessoas com autismo no mercado de trabalho.	Discutir a presença e introdução de pessoas com autismo no mercado de trabalho.

Matsukura.T. Rosa.F. Squassoni.C2019	Espectro Autista (TEA) em idade adulta: relatos e perspectivas de pais e cuidadores de adultos com TEA.	Identificar junto a familiares de adultos com TEA em relação às instituições.	Explicar a realidade educacional de pessoas com autismo, apontar possíveis melhorias neste serviço.
OTTONI, A; MAIA, A, 2019.	Considerações sobre a sexualidade e educação sexual de pessoas com Transtorno do Espectro Autista.	Apontar a importância da educação sexual para os indivíduos no espectro.	Identificar pontos a serem melhorados para que as pessoas tenham uma melhor qualidade de vida, possuindo uma maior qualidade de vida
Papalia D. Feloman R. 2013	Desenvolvimento humano.	Apresentar as fases de desenvolvimento dos indivíduos.	Apontar as diferentes fases e desafios da adultez.
Passamai V. 2021	Transtorno do espectro autista: atualização.	Expor as atualizações de informações a respeito do TEA.	Definir e caracterizar o que é TEA.
Rotta N. Bride F. Augusto C. Bride F. 2016	Neurologia e aprendizagem: abordagem Multidisciplinar	Debater pontos neurais, desenvolvimental e sociais, a respeito do TEA	Apresentar pontos e perspectivas em desenvolvimentos de indivíduos com TEA
TALARICO, M. V. T. S., PEREIRA, A.C. S., GAYOSA, A.C.N. 2019.	A inclusão no mercado de trabalho de adultos com Transtorno do espectro autista: uma revisão bibliográfica.	Apresentar o mercado de trabalho e oportunidades para pessoas com TEA..	Embaçamento par discursão sobre os benefícios e dificuldades encontradas na vivência do adulto com TEA no mercado de trabalho.

5 DISCUSSÃO

O contexto familiar é a primeira relação social de um indivíduo, isto reflete diretamente na sua formação, as características culturais instauradas por este conjunto de pessoas, que afetam as outras pertencentes ao grupo, deste modo a existência de um transtorno no seio familiar reverbera em três principais níveis de

impacto: o transtorno, o desenvolvimento do indivíduo, a família que cerca este; a adaptação a esta nova realidade não é linear pois esta possui demandas distintas; quando falamos em um diagnóstico de TEA, relacionamos aos prejuízos em tríade: sociabilidade, comunicação e comportamento (restritos, repetitivos e estereotipados), estes tem duração vital, se estendendo por todos os períodos de desenvolvimento, portanto há uma significativa alteração do convívio típico, produzindo a longo prazo estressores em potencial em diversas áreas como a dinâmica familiar, aspectos financeiros e a qualidade de vida dos cuidadores, em panoramas físicos, psíquicos e sociais, evidências relatam uma constante incidência de esgotamento mental, ansiedade e depressão em pais que vivenciam esta realidade (ANDRADE; TEODORO, 2012).

Quando se fala em inclusão da pessoa com TEA no meio social, fala-se na interação entre o indivíduo e o meio, e o processo de independência a partir das relações e as dinâmicas a serem vivenciadas. Estudos mostram um volume pequeno de pessoas com autismo nos ambientes que proporcionam esse contato do indivíduo e a sociedade, o qual tem uma grande importância no seu processo de independência e na evolução cognitiva através do contato, sendo alguns deles, o mercado de trabalho com a falta de oferta de vagas para inclusão desse público, instituição de ensino seja ela de formação superior ou não, como cursos básicos, as dificuldades encontradas pela pessoa com TEA para permanecer neste ambiente, e a vida amorosa, a busca por seu par. Sendo estes alguns fatores fundamentais para o funcionamento adaptativo do adulto com autismo diante do externo, para além do ambiente familiar. Visto que, alguns aspectos devem ser trabalhados ainda na fase da infância na vida do autista, para que posteriormente venha a facilitar as vivências, o fator base é a educação (SCHMIDT, 2017).

Ao falar em processo de interação, autismo e sociedade na vida adulta, fala-se também em independência e conseqüentemente em processo de inclusão, se torna necessário a existência de políticas públicas nesse processo, em que se faz essencial essa base vinda já da infância; Sendo estas as possibilidades educacionais, falando em vagas disponíveis tanto no ensino fundamental como o básico, além de

profissionais qualificados, a importância do diagnóstico do autismo na infância para que se possa fazer uma intervenção de forma precoce, se formando uma base para a vida adulta, junto ao apoio familiar nesse processo. Fatores esses que irão necessariamente contribuir com o desenvolvimento futuro da pessoa com TEA, não só na estrutura educacional, mas através das relações prévias para além da relação familiar, o contato com o externo possibilita ao autista uma evolução cognitiva e em seu comportamento, já que será algo experienciado ao longo de todas as fases do seu desenvolvimento, sendo contribuinte na independência, comunicações e contato com o seu meio social no qual se faz existente (SCHMIDT, 2017).

Como evidenciado acima pelos autores citados, a adultez com TEA produz como na vivência típica, uma série de desafios, porém estes atrelados ao autismo adicionam uma série de preceptivas distintas, a sociabilidade por exemplo que é instituída inicialmente pela família e vizinhos, se altera na vivência autística, pois é um dos prejuízos do transtorno, a relação familiar sofre alterações a partir do diagnóstico ou mesmo antes deste, o que desencadeia outras mudanças, como passeios na praça ou visitas aos amigos próximos, quem em geral tendem a ser evitadas por receios dos comportamentos não aceitos, geralmente nomeados de birra; outros grandes pontos de sociabilização são as caminhadas educacionais, porém estas também tendem a ser um desafio, seja pela escassez de políticas públicas, falta de informação ou inexistência de vagas que possibilitem acesso a esse meio, esta realidade interfere acidamente na convivência e nas relações.

As dificuldades enfrentadas no processo de inclusão no ensino básico por pessoas com autismo, sendo este fato vivenciado tanto na infância onde se inicia a busca por educação, quanto na vida adulta na busca por curso superior ou mesmo técnico na busca de capacitação. A lei 12764 de 2012 que legaliza o autista como pessoa que possui deficiência, garantindo ao autista o direito a educação inclusiva, na qual se tornar necessário uma rede de apoio na qual seja formada por profissionais preparados e capacitados para receber esse público no ambiente escolar. Diante disto ainda é encontrada uma grande dificuldade nesse segmento de acolhimento aos alunos com TEA, pois a falta de profissionais qualificados no processo de ensino a

pessoa com TEA ainda é bem existente, com isto o déficit de conhecimento das características e necessidades do autismo, dificulta no manejo diante do processo de ensino no ambiente educacional, além da dificuldade encontrada pelos familiares na busca por disponibilização de vagas nas escolas regulares (MATSUKURA; ROSA; SQUASSONI, 2019).

Com isto pode-se perceber a carência no comprometimento diante do processo na qualidade de ensino tratando-se de inclusão da pessoa com autismo na educação. Tendo em vista que as escolas especiais, ainda ocupam um grande índice de pessoas com TEA, sendo a falta de disponibilidade de vagas na educação inclusiva dentro das escolas regulares um dos motivos, além da falta de qualificação de profissionais no ambiente educacional. Com isso é notável a grande discrepância no que diz respeito ao histórico comparativo entre alunos não autista e a facilidade no ambiente de ensino, tanto na questão de disponibilidade de vagas, tanto para educadores disponíveis. as desigualdades e as dificuldades enfrentadas pela pessoa com TEA, falando em educação, não só afeta a vida escolar na infância, mas perpassa por todas as fases de sua vida, na qual ainda é encontrada dificuldades em sua permanência no ambiente educacional durante a vida adulta na busca da inclusão no ensino além do básico (MATSUKURA; ROSA; SQUASSONI, 2019).

Visto que, jovens e adultos com autismo, convivem com a desigualdade diariamente, e com isto encontram as dificuldades para alcançar a independência, que por sua vez a falta de preparo prévio é algo bem existente como o não acesso a educação para todos de forma adequada, por conta das dificuldades existentes no processo do acesso as escolas inclusivas falando em TEA. Com isto sendo afetado a interação com o social, a grande maioria tem seu contato com o outro limitado dentro do seio familiar, havendo poucas oportunidades de socialização com o externo, a sociedade, dificultando então sua independência de forma geral. Observa-se também a baixa existência de oportunidade empregatícia para pessoas com TEA, o ingresso no ensino médio e superior, mesmo existindo alguns programas de inclusão educacional e de oportunidade de emprego para a pessoa com autismo as

dificuldades são visivelmente existentes quando se trata de pessoas com deficiência, sendo o autismo uma deficiência, registrada e reconhecida pela lei 12764 de 2012 (MATSUKURA; ROSA; SQUASSONI, 2019).

Segundo os autores citados acima, dinâmicas vivenciadas pela pessoa com TEA durante sua vida é rodeada por muitos desafios, a ideia dos autores é mostrar as dificuldades vivenciadas pelo autista, quando se fala em inclusão, tanto nas escolas, desde a busca por vagas, a disponibilidade de profissionais qualificados, entrada no ensino regular, até a sua permanência, tanto no ensino básico, quanto no superior, e em cursos nos quais incluem a pessoa com TEA, visto também que as escolas especiais ainda tem uma maior quantidade de autista matriculados, tendo uma maior ocupação de alunos com TEA, sendo um dos fatores a dificuldade de vagas e profissionais não qualificados. O artigo também vem mostrar as dificuldades na busca por oportunidade no mercado de trabalho para pessoa com autismo, e a importância de programas de inclusão, pois desde ano 2012 o autismo é considerado deficiência perante a lei. Sendo então não só discutido o contexto educacional básico, mas também de inclusão a sociedade, através de oportunidade de emprego, ensino superior e técnico, além das relações construídas fora do ambiente familiar.

Com um cenário de mudanças onde é possível o acesso a educação, ensino médio e superior, o avanço nas terapias e suporte tem propiciado uma busca considerável para inserção no mercado de trabalho por pessoas com TEA, isto se dá por uma nova perspectiva de metas e possibilidades, esta vivência promove uma melhor qualidade de vida no que se refere a responsabilidades, concretização de potencialidades desenvolvidas durante a vida desencadeadas por todos os estímulos empregados em outras fases, independência financeira e social, permite inserção em novos grupos possibilitando o acesso a cultura, lazer e educação; a não inserção em um mercado de trabalho promove uma situação de dependência governamental, institucional, e/ou familiar colocando este grupo em possíveis dificuldades financeiras, entretanto este ingresso encontra dificuldades evidentes; ambientes trabalhistas apresentam uma carga de estresse acentuada que aliados a possíveis discriminações

e/ou perseguições podem acarretar a depressão, ansiedade e ataques de ira (LEOPOLDINO, 2015).

Em dezembro de 2012 a aprovação da lei 12.764, institue que pessoas com TEA devem ser reconhecidos com deficiência, portanto sua inserção em mercado de trabalho está atribuída a lei de cotas 8213/91 promovendo a contratação de indivíduos deficientes no mercado de trabalho. O acesso a educação e mecanismos de suporte como terapias, promove a busca por posições trabalhistas, estes não impedem os desafios existente destas colocações, podendo ser destacados inicialmente vagas que possibilitem esses acessos, a manutenção desta colocação quando conquistada e a compatibilidade de cargos com a formação e expectativa dos mesmos, estas se apresentam em geral devido as restrições existentes, a sociabilidade e comunicação são pontos de destaque quando falamos de mercado de trabalho e do TEA, além dos domínios em destaque outras dificuldades podem ser pontuadas com a alteração da rotina, demandas sensoriais e estigma atrelados, ao falar dos desafios se encontram não apenas os individuais, mas os sociais e culturais que são excludentes em diversos pontos, não adequação e estruturação dos ambientes e os rótulos sociais empregados a indivíduos portadores de transtornos, montam um cenário de inviabilidade (TALARICO; PEREIRA; GAYOS, 2019).

O que destaca a importância da existência, ampliação e desenvolvimento das políticas públicas reproduzindo uma realidade mais promissora, a propagação de medidas como a preparação da pessoa em perspectiva educacional, para o mercado de trabalho e do ambiente laboral que o acolherá; acompanhamento dos processos de contratação destinação de vagas; o desenvolvimento deste indivíduo em sua vida profissional; além do incentivo e preparação para as equipes e gestores que atuaram sobre este trabalhador, assim como a lei Brasileira de inclusão assegura ao adulto com deficiência, o direito ao trabalho de sua escolha, inclusivo, igualitário, com um suporte individualizado provedor de suas necessidades, em uma pesquisa de caráter descritivo apontou de 87,5 % de pessoas com TEA (de alto funcionamento) amparados por estes suportes ingressaram no mercado de trabalho, apesar de um

importante marco, atualmente estes dispositivos legais não contam com uma estrutura de implementação e atuação bem sucedida, para que estes sejam colocados em prática, o que aliado ao pouco conhecimento de empregadores a respeito do transtorno constroem barreiras para a inserção em massa destes para a atuação profissional (TALARICO; PEREIRA; GAYOS, 2019).

Os autores acima citados levantam a temática dos marcos judiciais propondo uma inclusão no mercado de trabalho por meio de medidas, para que a inserção de pessoas com algum tipo de deficiência e/ou transtorno torne-se mais corriqueiras, porém é um consenso que o grande empecilho para que estes aconteçam de forma mais massiva é estabelecido pela falta de informação, as leis promovem artifícios judiciais mas uma boa colocação no mercado de trabalho, para pessoas com necessidade específicas como as neste artigo citadas com TEA, se estabelece através de uma melhor estrutura física e interpessoal, uma equipe e gestão esclarecidas provedoras de suportes com equidades, citando também que a pouca estrutura de implementação como um inconveniente, outro consenso são os benefícios concedidos desta colocação, pois é natural na fase adulta o início da vida trabalhista por esta se destacar como um ponto crucial de independência financeira, além deste foco em específico, também se ressalta o fator sexualidade para pessoas com TEA como importante, para que novas interações sociais sejam criadas gerando espaço para conquistas de novas aptidões, além de melhoria na desenvoltura social.

A sexualidade é intrínseca ao ser humano pois está presente em todas as fases do desenvolvimento mesmo que as manifestações sejam distintas em cada etapa da vida, Freud em suas obras sobre sexualidade exemplifica os comportamentos que os indivíduos têm durante seu crescimento (bebê, criança, adulto) experencia para sentir prazer, esse conceito passou por diversas modificações até chegar em um entendimento biopsicossocial, ou seja, o que era visto como algo basicamente sexual hoje existe uma visão mais ampla em que fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, legais, espirituais, históricos, religiosos e espirituais estão conectados; Essa denominação da OMS (2006) deixa claro o quão a

sexualidade está presente e articulada no cotidiano das pessoas e isso acontece pois estamos sempre nos relacionando conosco, com os outros e com o mundo em busca do bem-estar (FERREIRA; MAIA; MEDEIROS, 2018).

Com a chegada da adolescência a maneira de vivenciar a sexualidade se altera mais uma vez e o interesse passa a voltar-se para contextos externos, sendo amorosos e sexuais e essa realidade reverbera para a vida adulta, nesta fase o corpo do outro é o foco, este período traz muitas inseguranças principalmente relacionadas ao corpo com a chegada da puberdade e a falta de comunicação responsável sobre este assunto acarreta muitas dúvidas. Para indivíduos portadores de TEA essa mudança se torna ainda mais difícil principalmente pela falta de percepção e entendimento de seus sentimentos somado ao enorme tabu existente deste assunto para com este público, a educação sexual é de extrema importância seja ela formal em escolas ou informal com a família, a falta de interpretação de metáforas, dificuldade em entender códigos torna o aprendizado mais complicado e por isso a importância de uma comunicação clara e franca a respeito do assunto, afinal as mudanças físicas no próprio corpo são completamente perceptíveis, as psíquicas podem chegar atrasadas mas chegam, e a preparação é essencial para diminuir sofrimentos posteriores (CAMARGO; NETO, 2017 e FERREIRA; MAIA; MEDEIROS, 2018).

Se tratando do TEA a sexualidade é um ponto bastante ignorado que deve ser tratado com seriedade visando a inclusão, a educação sexual é algo primordial para o desenvolvimento de modo geral para esse indivíduo, visto que somos seres relacionais e este tema amplia as vivências da pessoa. A educação sexual deve inicialmente ser direcionada para profissionais, assim como também ser passado uma didática facilitadora e acolhedora que abranja todos, um trabalho visando educar globalmente a respeito dos mitos levando a desconstrução, para que o preconceito diminua, os pais devem ser acompanhados para que compreendam que não devem infantilizar seus filhos, o assunto deve ser visto como natural, o enfoque para a pessoa com TEA deve ser a realização de treinamento de habilidades sociais inclusive como

fator de proteção consigo e com o outro, visto que o autista não tem entendimento requintado quanto a limites, as aulas devem ser de maneira concreta, simples e clara para que haja compreensão, esclarecimento e de certa forma acolhimento (MAIA; OTTONI, 2019).

De acordo com Segar(2008, p.11) citado por Maia e Ottoni(2019, pág. 1271)

A coisa mais difícil em ser autista (ou ter Síndrome de Asperger) é que as pessoas esperam que você conheça regras e viva de acordo com elas tal como elas fazem, apesar de ninguém nunca ter dito nada a você sobre elas. Não há dúvida de que isso é extremamente injusto, mas infelizmente a maioria das pessoas não verá desta maneira, porque elas não entendem o problema.

Diante o exposto percebe-se que os autores acima pontuam que a sexualidade é de suma importância para a vida do indivíduo tenha ele algum tipo de transtorno ou não, e que esse fator deve ser viabilizado com responsabilidade, concordam ainda em relação a importância da educação sexual para este público e para todos aqueles que fazem parte sua convivência, visto que informação é essencial para que o manejo seja realizado de forma satisfatória, além disso ser essencial primeiramente para a saúde e segurança de todos os envolvidos. Um dos pontos principais nesse aprendizado é o reconhecimento de limites, para consigo e para com os outros, conseguir distinguir o local apropriado para os atos, entender o movimento do outro. Na citação traz-se um desabafo de um adulto que vive no espectro e que mostra o quanto a falta dessa educação sexual é prejudicial, visto que ele é cobrado por um comportamento padrão de uma pessoa neurotípica sem que nada seja ensinado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo observou-se que o adulto dentro do TEA sofre dificuldades ainda maiores e mais complexas se comparado à pessoas neurotípicas, principalmente quando o assunto em questão é independência, os obstáculos

perpassam todas as fases do desenvolvimento e estão presentes em vários aspectos de sua existência. Sendo assim, características típicas do transtorno como a dificuldade de sociabilidade, incluindo a deficiência no entendimento de expressões faciais, metáforas, questões subjetivas do outro são pontos que influenciam grandemente não apenas no convívio com a própria família, mas também no início e/ou manutenção de relações sociais, dificultando o acesso a novas amizades, relacionamentos amorosos e até mesmo emprego, visto que a comunicação para o ser humano é o que proporciona abertura de portas.

Enfrentamentos vivenciados pelo autista no processo evolutivo até a chegada a vida adulta, visto que os bloqueios vivenciados na infância como: as dificuldades de acesso as escolas, sendo este vínculo necessário no processo de socialização da pessoa com TEA, por essa uma das características do autismo; a dificuldade em socializar; a falta desse preparo prévio na infância é algo que afeta diretamente as relações e a evolução da pessoa com TEA nas fases posteriores, como a adolescência e a vida adulta onde o autista enfrenta algumas dificuldades, como: vínculo empregatício, o acesso a educação falando a nível médio, técnico e superior, por falta de oportunidades, dificultando a construção de vínculos sociais, já que grande maioria dos autista passam toda sua vida em interação apenas no seio familiar, por todas as dificuldades enfrentadas pela família na busca de inserir a pessoa com TEA no convívio social, o qual dificulta a construção de alguns laços, como de amizade e vida amorosa na fase adulta.

Ao fim deste, consideramos uma literatura escassa em perspectiva da vivência da adultez atrelada ao autismo, promovendo restrições durante alguns pontos abordados, em sumo o olhar se volta muito que unilateralmente ao transtorno ainda na infância, apresentando não apenas poucas fontes de pesquisa, como também pontos encobertos para a aqueles que vivenciam o TEA. Ao nossos olhos o emprego de leis e medidas que busca inserção, e equivalência para uma sociabilização mais bem sucedida; o acentuado reflexo das terapias e estímulos empregados nas primeira fases da vida tal como a importância latente de um diagnóstico precoce e estruturado, por fim destacamos a pertinência da família, não apenas como primeiro meio social,

ou rede de apoio mas como incentivadores e nutridores, de uma busca pela vivencia plena dentro das possibilidades de cada indivíduo; contudo é importante destacar que mais estudos e publicações a respeito do tema, possibilitaram novos caminhos e aprendizagens.

7 REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. A., TEODORO, M. L. M. Família e Autismo: Uma Revisão da Literatura. 2012. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Minas Gerais, 2012. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/ccontextoscnicos/article/view/ctc.2012.52.07/1212>, Acesso em 01 abril 2022.

BRANDÃO Tania, SARAIVA Luisa, MATOS Paula mena, O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: Especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise psicológica* (2012) xxx (3):301-313.

CAMARGO, Shelley; NETO, Luiz. Sexualidade e gênero. *Revista da faculdade de ciências médicas de Sorocaba*. V19i4a1. 2017.

CARNEIRO Virgínia Teles , SAMPAIO Sonia Maria Rocha, Adultez Emergente: Um Fenômeno Normativo. *Revista Saúde E Ciência Online*, 2015;4 (1) 32-40

EVÊNCIO, Kátia Maria de Moura, FERNANDES, George Pimentel, História do Autismo: Compreensões Iniciais, *Revista Multidisciplinar de Psicologia*, vol. 13, núm.47, 2019. Edição eletrônica em <http://idonline.emnuvens.com.br/id>.

FERREIRA, Dênis; MAIA, Ana; MEDEIROS, Iasmim. Sexualidade: Uma nova área de conhecimento. *Saúde & Conhecimento – Jornal de medicina UNIVAG*, 2018. FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009a.

FLICK. Uwe. *Intrdução à pesquisa qualitativa*. Tradução Joice Costa. 3 ed. Porto Alegre: Artemed,2009.

LEOPOLDINO, Cláudio. Inclusão de autistas no mercado de trabalho: uma nova questão de pesquisa. *Revista Eletrônica Gestão & Sociedade*, v.9, n.22, p. 853868. Janeiro/Abril - 2015.

MAIA, Ana; OTTONI, Ana. Considerações sobre a sexualidade e educação sexual de pessoas com Transtorno do Espectro Autista. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 14, n. esp. 2, p. 1265-1283, jul. 2019.

MATSUKURA, Thelma; ROSA Fernanda; SQUASSONI Carolina. Escolarização de pessoas com Transtornos do Espectro Autista (TEA) em idade adulta: Relatos e perspectivas de pais e cuidadores de adultos com TEA. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São

Carlos, v. 27, n. 2, p. 302-316, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/5RBnBb9nWTFrbnvSr3>

<HRzVq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 de outubro de 2021 as 21:00.

MENEZES, Michelle Zaira Marciel. O diagnóstico do transtorno do espectro autista na fase adulta. 2020, Curso de Especialização em Transtornos do Espectro do Autismo, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de Psicologia, Belo Horizonte.

MORINS, Mariana; RAMOS, Jorge; XAVIER, Salomé. Perturbações do Espectro do Autismo no Adulto e suas Comorbilidades Psiquiátricas. Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, EPE. Vol. 10 • N.º 2. Dezembro/2012.

PAPALIA, D. E. e FELDMAN, R. D. (2013). Desenvolvimento Humano. Porto Alegre, Artmed, 12ª ed.

PASSAMAI, Verônica Ribeiro, Transtorno do Espectro Autista: atualização, Revista Saúde Dinâmica, vol. 3, núm.2, 2021. Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga.

ROTTA, Newra Tellechea ; BRIDI FILHO, César Augusto; BRIDI, Fabiane Romano de Souza (Org.). **Neurologia e aprendizagem**: abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2016.

SCHMIDT, C. (2017). Transtorno do Espectro Autista: onde estamos e para onde vamos. Psicologia em Estudo, 22(2), 221-230. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v22i2.34651>

TALARICO, M. V. T. S., PEREIRA, A.C. S., GAYOS, A.C.N. (2019). A inclusão no mercado de trabalho de adultos com Transtorno do espectro autista: uma revisão bibliográfica. Revista Educação Especial, 32:119-1. (Universidade Federal de Santa Maria)

THOMÉ Luciana cultura, PEREIRA Anderson Siqueira, RODRIGUES Susana Inês Nunes, KOLLER Silvia helena. Adulterez emergente no Brasil. São Paulo (2018).